

CORREIO ECONÔMICO



Produção de petróleo e gás do país teve ligeira queda

Produção de petróleo e gás tem recuo de 0,5% em 2024

Pouco abaixo (-0,5%) do ano anterior (4,344 milhões de barris), a produção de petróleo e gás natural do país atingiu 4,322 milhões de barris de óleo equivalente por dia (boed) em 2024.

Os dados foram divulgados, nessa segunda-feira (3), pela ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis).

No caso específico do

petróleo, no ano passado, a produção chegou a 3,358 milhões de barris por dia (bpd), o que corresponde a um volume 1,29% aquém do recorde de 2023 (3,402 milhões de bpd).

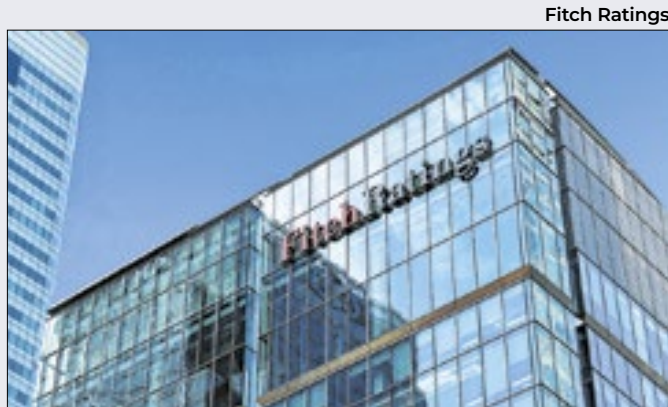
Já a produção de gás natural em 2024 chegou à média anual de 153 milhões de metros cúbicos por dia (m³/d), superando em 2% a do ano anterior (150 milhões de m³/d).

Pré-sal

Em 2024, a maioria da produção veio de reservatórios do pré-sal, com 78,29% da produção nacional de petróleo e gás natural, em barris de óleo equivalente. As produções do pós-sal e terrestre responderam por 16,33% e 5,38%, respectivamente, da produção do país.

Dezembro

Em dezembro de 2024, a produção nacional de petróleo foi de 3,421 milhões de bpd, aumento de 3,3% ante novembro e queda de 4,6% para dezembro de 2023. No caso do gás natural, a produção foi de 161,13 milhões de m³/d, tendo crescido 2,1% frente ao mês anterior.



Para agência, medidas dos EUA afetarão emergentes

Fitch: 'tarifaço' de Trump terá reflexo para emergentes

A imposição de tarifas de importação elevadas, por parte do presidente dos EUA, Donald Trump, deve elevar o custo do pagamento de dívida dos países emergentes.

A avaliação é da agência de classificação de risco Fitch Ratings, em relatório divulgado nessa segunda-feira (3), quando manteve em 'neutra' a

perspectiva setorial para soberanos emergentes, em que pese os riscos existentes.

No documento, a Fitch disse esperar "que a pressão sobre as classificações seja amplamente semelhante à de 2024, mas a pressão sobre as finanças públicas, a geopolítica e as políticas dos EUA representam riscos".

Efeito adverso

A Fitch projeta que as tarifas terão um efeito adverso sobre o avanço do PIB dos países emergentes e finanças externas, além de ampliar riscos para a inflação. Para a agência, a dívida fiscal dos EUA impulsiona o dólar e os custos de pagamento de dívidas para outros países.

Riscos elevados

"As necessidades de financiamento das economias emergentes precisam ser moderadas, pois as pressões sobre as contas públicas e riscos geopolíticos seguem elevados", alerta a agência, que espera uma política externa dos EUA mais transacional e imprevisível".

Alta geral

Os preços médios do etanol hidratado subiram em 20 Estados, caíram em 4 e no Distrito Federal (DF) e ficaram estáveis em 2 na semana passada. Segundo a ANP, o preço médio do etanol subiu 1,18% na comparação com a semana anterior, a R\$ 4,29 o litro.

SP lidera

Em São Paulo, a cotação média subiu 1,24%, de R\$ 4,04 para R\$ 4,09 o litro. A maior queda percentual na semana (2,97%), ocorreu na Bahia, onde o litro passou a R\$ 4,58. A maior alta semanal (15,96%) houve no Rio Grande do Norte, para R\$ 5,16.

Boletim Focus eleva IPCA pela 16ª vez consecutiva

Índice de inflação para 2025 sobe para 5,51%; PIB 'empaca' em 2,06%

Tânia Rêgo - Agência Brasil

Por Marcello Sigwalt

Na 16ª alta seguida do indicador, o boletim Focus – consulta semanal do Banco Central (BC) às 100 maiores instituições financeiras nacionais – elevou de 5,50% para 5,51% sua projeção para o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) de 2025, nessa segunda-feira (3).

Caso essa previsão se confirme, haveria o quarto estouro consecutivo da meta de inflação (centro de 3% e teto de 4,5%), conforme fixado pelo CMN (Conselho Monetário Nacional). Para o ano que vem – cujo segundo trimestre é considerado como o 'horizonte relevante' para a autoridade monetária – a 'banca' também aumentou a expectativa do indicador, de 4,22% para 4,28%. Para 2027 e 2028, a 'aposta' foi de estabilidade, em 1,96% e 2%, respectivamente.

O maior contraste, porém, é a 'paralisação' do PIB (Produto Interno Bruto), que 'estacionou' nos mesmos 2,06% de uma semana antes, o mesmo valendo



Enquanto o indicador inflacionário mantém subida, o PIB empaca pela segunda vez

para 2026 e 2027, 'parados' em 1,72% e 1,96%, respectivamente, enquanto que para 2028, este continuou em 2%.

Estabilidade é a 'palavra de ordem' para a Selic, mantida em 15% ao ano para 2025, apesar da expectativa, de que a taxa básica de juros alcance, já em meados de março, o patamar de 14,25% ao ano, confor-

me 'prometido' pelo BC, ainda no ano passado.

Mesma sistemática 'estática' predominou para 2026, que se manteve em 12,50% ao ano e para 2027, em 10,38% ao ano.

Também 'imexível' ficou a estimativa do mercado para o déficit primário deste ano, em 0,60% do PIB pela sexta semana consecutiva, o mesmo per-

centual para 2026.

Houve leve alta da expectativa de superávit comercial em 2025, de US\$ 75 bilhões para US\$ 75,7 bilhões de superávit, e ficou estável em US\$ 77 bilhões para 2026.

O investimento estrangeiro para este ano se manteve em US\$ 70 bilhões, e em US\$ 75 bilhões para 2026.

CNI: piora a percepção de finanças

O índice que mede a situação financeira das indústrias de pequeno porte caiu de 42,8 para 42 pontos na passagem do 3º para o 4º trimestre, revela pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI), nessa segunda-feira (3). De acordo com o Panorama da Pequena Indústria (PPI), a percepção dos empresários sobre as finanças das empresas piorou. O indicador considera, entre outras coisas, a avaliação dos

entrevistados sobre margem de lucro operacional e facilidade de acesso ao crédito.

Já o índice de desempenho das indústrias de pequeno porte passou de 47,5 pontos, no 3º trimestre, para 46,8 pontos no 4º trimestre. Apesar da queda, a CNI considera o resultado positivo, visto que está acima da média histórica, de 44 pontos, e da marca registrada no 4º trimestre de 2023, de 45,9 pontos.

A CNI calcula o desem-

penho da pequena indústria a partir de uma ponderação entre volume de produção, número de empregados e utilização da capacidade instalada efetiva em relação ao usual. Quanto maior o índice, melhor o desempenho das empresas.

Maior problema

A alta taxa de juros foi o problema que mais cresceu na avaliação dos empresários das pequenas indústrias da construção.

No 3º trimestre, os juros altos figuravam na terceira posição do ranking das principais preocupações, apontado por 24,2% das empresas.

Esse percentual saltou para 34,7%, no 4º trimestre, levando o problema para a primeira posição da lista.

Na segunda colocação, aparece a elevada carga tributária, apontada por parte de 33,9% dos industriais.

PMI sobe, mas dá sinais de estagnação

João Paulo Ceglinsky - Petrobras

O índice dos gerentes de compras (PMI, na sigla em inglês) sobre a atividade industrial do Brasil subiu a 50,7 pontos em janeiro, contra 50,4 pontos em dezembro, segundo dados divulgados pela S&P Global.

A avaliação da S&P é de que o setor industrial no País ficou estagnado em janeiro, ao passo que os produtores brasileiros se depararam com preocupações relacionadas à política fiscal, às condições monetárias, e à variação cambial, que tem pressionado os custos.

Os novos pedidos cresceram no ritmo mais fraco em 13 meses. Em contrapartida, houve um aumento da busca por mão de obra temporária e alongamento dos prazos de entrega, o que levou o índice a ficar levemente acima do registrado em dezembro.

"Os dados de janeiro apontaram um cenário um tanto



S&P Global: preços industriais subirão moderadamente

preocupante para os fabricantes, que começaram 2025 em terreno instável. Os resultados desencorajadores de dezembro foram reforçados por um aumento apenas modesto nos pedidos a fábricas e pela estagnação da produção, à medida que desafios fiscais contínuos, taxas

de juros altas e a fraqueza do real impactaram negativamente os produtores de bens", resume Pollyanna De Lima, diretora associada de economia da S&P Global Market Intelligence

Ela também pontuou que, embora o aumento na criação de empregos possa ter pareci-

do um ponto positivo, a maioria dos cargos era temporária enquanto as empresas ficavam à espera, sem saber se o crescimento econômico previsto iria se materializar.

"Embora as implicações dos resultados de janeiro sejam preocupantes – se os fabricantes continuarem a enfrentar custos altos e demanda fraca, o risco de uma retração é iminente – as empresas se mantêm otimistas de que as dificuldades atuais sejam um revés temporário", alerta.

As vendas reduzidas de janeiro levaram os fabricantes a limitar os níveis de estoque no mês. Os estoques de pré e pós-produção registraram queda, com o primeiro caindo em um ritmo mais acelerado.

Os produtores de bens, porém, se mostraram mais otimistas em relação às perspectivas de produção do que em dezembro.

Bolsa recua 0,13% aos 125 mil pontos

Embora tenha ensaiado leve alta, a 126.473,23 pontos, o Ibovespa não conseguiu se descolar, do meio para o fim da tarde, da percepção de risco global em torno da confirmação de que os Estados Unidos utilizarão da arma tarifária para pressionar parceiros como Canadá e México a se curvar a demandas americanas, como o controle da entrada de fentanil e de fluxos migratórios ao vizinho.

A possibilidade de a estratégia se estender à União Europeia e o súbito fechamento proposto para a agência de auxílio internacional dos EUA com décadas de existência, a Usaid, em estratégia de cortes de gastos recomendada por Elon Musk, marcam aceleração da retórica e de opções unilaterais que reverberam pelo mundo.

Assim, o dia foi de aversão a risco, pressionando abaixo os índices de ações em Nova

York e nas principais praças da Europa.

No começo da tarde, uma melhora transitória chegou a ser notada na B3, no momento em que Estados Unidos e México confirmaram trégua de um mês na imposição de tarifas mútuas.

Na semana passada, o governo Trump tinha anunciado a imposição de 25% em tarifas sobre as importações de México e Canadá, e de 10% sobre a

China – os três principais parceiros comerciais dos Estados Unidos. Assim, o cenário prospectivo é de guerra comercial.

No fechamento, mostrava perda de 0,13%, aos 125.970,46 pontos, com giro a R\$ 19,5 bilhões neste início de semana e de mês.

"A sessão foi muito volátil também para ativos como o câmbio e a curva de juros", admitiu Rodrigo Alvarenga, sócio da One Investimentos.